

---

*Obras completas*, tomo I, de Jorge Luis Borges. São Paulo: Editora Globo, 1999. 707 pp.

---

De 1998 a 1999, ano de centenário do nascimento Jorge Luis Borges, a Editora Globo publicou

as *Obras completas* (que, como a maioria dos livros com este título, estão longe de ser completas) do escritor argentino, em quatro volumes. Esta resenha cobre o Tomo I, onde estão reunidos os livros produzidos pelo autor entre 1923 (quando tinha 24 anos) e 1949 (quando cumpriu 50 anos). Estão fora as obras de aprendizado (que o próprio Borges expurgou da edi-

ção original, mas que vêm sendo editadas ultimamente pela pressão conjunta dos estudiosos e do mercado), a obra escrita depois dos cinquenta anos (coligida nos outros três tomos) e a dispersa (reunida em volumes avulsos, a maioria ainda não disponível em português). Este tomo concentra, portanto, o essencial, o mais importante que esse importantíssimo homem de letras legou à humanidade.

Trata-se, é bom dizer de início, de um projeto de fôlego e que custou longuíssimas horas de trabalho à equipe coordenada por Jorge Schwartz, professor de literatura hispano-americana da USP.

É também um projeto brasileiro, já que em Portugal foram editados também os quatro tomos, em tradução lusitana. A primeira virtude deste projeto é que ele apresenta, pela primeira vez no Brasil, toda a obra canônica de Borges, antes repartida em várias edições de diferentes editoras, feitas com propósitos e critérios heterogêneos. Algumas das edições antigas foram aproveitadas e revistas segundo os critérios do coordenador, expostos em um longo artigo na revista *Cult* de agosto de 1999. Ali Schwartz, que é de origem argentina, expõe dificuldades e méritos da empreitada, assim como os

princípios que guiaram sua complexa implementação.

Um empecilho inicial foi que o contrato (ou seja, provavelmente a vontade da herdeira dos direitos autorais) exigia que os textos fossem apresentados sem notas e com a mesma diagramação da edição argentina. O coordenador da edição brasileira, fazendo talvez da necessidade uma virtude, pensa que essa limitação “acabou ironicamente se convertendo no maior desafio: uma edição sem notas explicativas, deixando para o talento individual de cada um dos tradutores a possibilidade de fazer da obra de Borges um texto em português digno do próprio Borges”. A verdade, contudo, é que o leitor de Borges parece sentir falta de notas explicativas e isso, que já se aplica ao leitor de língua espanhola, inclusive o argentino, fica mais evidente no caso brasileiro, onde mesmo o leitor culto terá problemas para penetrar no mundo enciclopédico de Borges. A melhor prova de que uma edição anotada de Borges é mais útil, inclusive para o mais hedônico dos leitores, é a excelente edição, em dois tomos, que Jean Pierre Bernès preparou para a coleção *La Pléiade* da editora francesa Gallimard. Traduções recentes para o inglês e

destinadas ao grande público, como as recém publicadas *Collected Fictions*, *Selected Poems* e *Collected Non Fictions*, pela Penguin, mostram também que uma edição com notas, no caso de Borges, é melhor, não pior. Tanto isso é certo que em alguns casos o coordenador permitiu que se violassem as disposições contratuais para esclarecer um ou outro elemento textual e também para corrigir erros nas citações presentes na edição original, por falha dos editores ou do próprio Borges. Um dos pontos positivos desta edição é que, sendo dirigida por um acadêmico, acabou sendo mais rigorosa textualmente que a edição em espanhol. Contamos, portanto, agora com uma das mais cuidadas edições de Borges em nível internacional.

Entre os critérios utilizados está a escolha de poetas para traduzir a poesia e tradutores experientes para traduzir a prosa, o conjunto tendo passado por um minucioso processo de revisão, sobretudo de aspectos lingüísticos e culturais tipicamente argentinos. Jorge Schwarz diz ainda ter se inspirado parcialmente nos princípios defendidos por Borges em seus ensaios sobre tradução para resolver os muitos dilemas enfrentados por sua equipe.

Garantida a honestidade fundamental desta iniciativa, como fica a sua qualidade literária? Ela me parece ligada justamente às opções editoriais. Em geral, a poesia (que muitos consideram a parte menos imperecível de Borges) apresenta soluções mais satisfatórias, embora não se possa falar de nenhuma conjunção mágica entre poeta tradutor e poeta traduzido, como ocorreu, creio, com muitas das traduções de poemas borgianos ao inglês. Há, tanto nas traduções de Glauco Mattoso e Jorge Schwartz (*Fervor de Buenos Aires*) e Josely Vianna Baptista (*Caderno San Martín*) literalismo constante, que às vezes realça e outras vezes atrapalha ou torna meramente estranha a dicção poética borgiana.

Talvez o texto de tradução mais convincente do volume seja o de *Evaristo Carriego*, uma biografia “menos documental que imaginativa”, como diz Borges em sua nota introdutória. Essa biografia um tanto confusa anuncia o futuro Borges grande prosador, mas mantém ainda muitos dos traços “barrocos” que ele tentará combater em seus futuros escritos. Pois essa mescla apresenta problemas espinhosos de tradução que foram resolvidos acurada e elegantemente por um grupo de quatro traduto-

res: Vera Mascarenhas, Jorge Schwartz, Maria Carolina de Araujo e Victoria Rébora.

Previsivelmente, é nos ensaios e na narrativa, onde os tradutores tiveram momentos mais conturbados – nesses dois gêneros se concentra o mais inovador de Borges e são os que mais exigem treino, destreza e astúcia de leitores e tradutores. Assim, *Discussão*, traduzido por Josely Baptista Vianna, apresenta um texto acurado mas que faz uso, com frequência, de um excessivo literalismo. A tradutora, que realizou um trabalho atento, nunca banaliza a idiosincrasia verbal do autor, como ocorre em traduções para outras línguas e mostra dificuldade – embora se aproxime bastante – de chegar a um tom argumentativo ao mesmo tempo borgiano e brasileiro, talvez porque a tradição de ensaio no país é relativamente pobre e também porque não temos uma tradição de tradução criativa de ensaio, como temos de poesia e, em parte, de ficção. Expressões como “digressão pintoresca” (p. 187), “taberna de fronteira”, “sopé dos montes” (p. 241), “lançei a sorte” (p. 248) ou seleções lexicais como “gaucharia” (p. 187) “delusória” (p. 211) talvez indiquem, mais que imperícia da tradutora, uma penúria nos meios expressivos do ensaio nacional. Mais

problemático é o texto de *Historia da Eternidade*, onde há lusismos surpreendentes, e até de difícil compreensão para um brasileiro, como “qualquer palavra que pronuncie poderá ser invocada contra si” (p. 463); a presença da mesóclise, que dá um inapropriado ar purista ao texto borgiano e uma normalização de termos tão típicos de Borges (por exemplo “libros de invención” traduzido como “livros de ficção”, p. 465).

É, definitivamente, nos contos, onde esta edição mostra seus limites, que são também os limites da tradução de ficção no Brasil. E é no diálogo onde as decisões dos tradutores são mais questionáveis, inclusive porque mesmo nossos melhores escritores (com a notável exceção de Nelson Rodrigues) costumam tropeçar na representação da conversa. Frases como “Foi a mulher que o matou” (de “Homem da Esquina Rosada”, p. 366), “Economizou-nos uma noite e um dia” (“A Morte e a Bússola”, p. 563), “Já sabia eu que podia contar com o senhor” (p. 579) parecem pouco verossímeis no dia-a-dia brasileiro.

Para além desses pequenos reparos, devemos saudar este primeiro tomo das *Obras Completas* como um acontecimento impor-

tante na importação de Borges ao Brasil, pois reúne em um cómodo volume, o principal da produção de seus primeiros cinqüenta anos. À medida que estes textos sejam lidos e usados, suas virtudes e vícios aparecerão com mais clareza e darão, certamente, lu-

gar a novas traduções que corrijam distrações e favoreçam outras ênfases. Porque Borges, como todos os grandes escritores mundiais, merecem e devem ser constantemente relidos e retraduzidos para nosso maior benefício.

Walter Carlos Costa

---